



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/  
CIÊNCIAS DA NATUREZA**



**JOSELINE JOSEFA DA SILVA**

**CONHECIMENTOS DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DO CAMPO SOBRE AS  
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

**PICOS  
2021**

**JOSELINE JOSEFA DA SILVA**

**CONHECIMENTOS DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DO CAMPO SOBRE AS  
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza, Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros como requisito à obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo.

**Orientadora:** Profa. Dra. Tamaris Gimenez Pinheiro

**PICOS  
2021**

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Universidade Federal do Piauí**  
**Campus Senador Helvídio Nunes de Barros**  
**Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo**  
**Serviço de Processamento Técnico**

<b>S586c</b>	<p>Silva, Joseline Josefa da Conhecimentos dos alunos de uma escola do campo sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis / Joseline Josefa da Silva – 2021. Texto digitado Indexado no catálogo <i>online</i> da biblioteca José Albano de Macêdo- CSHNB Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em Educação do Campo, Ciências da Natureza, Picos-PI, 2021. “Orientadora: Dra. Tamaris Gimenez Pinheiro”</p> <p>1. Educação em saúde. 2. Prevenção em saúde. 3. Saúde sexual e reprodutiva. I. Pinheiro, Tamaris Gimenez. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372.372</p>
--------------	--

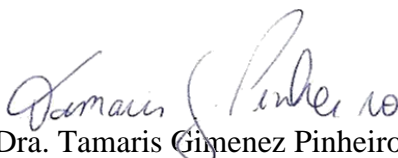
**JOSELINE JOSEFA DA SILVA**

**CONHECIMENTOS DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DO CAMPO SOBRE AS  
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

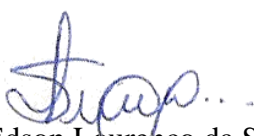
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Educação do Campo/Ciências da Natureza, pela Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros.

**Orientadora:** Profa. Dra. Tamaris Gimenez Pinheiro

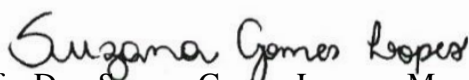
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Tamaris Gimenez Pinheiro – Orientadora  
Universidade Federal do Piauí - UFPI



Prof. Dr. Edson Lourenço da Silva – Membro 1  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI *campus* Picos



Profa. Dra. Suzana Gomes Lopes – Membro 2  
Universidade Federal do Piauí - UFPI

Aprovado em 01/03/2021

Dedico este trabalho a Deus e a minha família.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pelo dom da vida, por sempre me dar forças e coragem nos momentos de dificuldades.

À minha família, em especial aos meus pais, Adelino José da Silva (*in memorian*) e Josefa Jardimina da Silva, pelo apoio e compreensão nos momentos difíceis e por sempre acreditar em mim, mesmo quando tudo parecia impossível. Muito obrigada!

À minha professora orientadora Tamaris Gimenez Pinheiro pela paciência, apoio e ajuda na elaboração deste trabalho.

Às minhas colegas de classe que foram verdadeiras e companheiras ao longo do curso.

A Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros pela oferta do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Ciências da Natureza.

A todos os professores e professoras do referido Curso, pelos ensinamentos compartilhados ao longo desses quatro anos.

Enfim, agradeço a todos que acreditaram e contribuíram para a realização deste trabalho.

Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo (FREIRE, 1979, p.84).

## RESUMO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) são aquelas provocadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos e transmitidas, principalmente, por via sexual, quando não há proteção, além da mãe para filho, no momento do parto ou na amamentação. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, as estatísticas das ISTs são assustadoras, com cerca de um milhão de infecções sendo diagnosticadas por dia no planeta em pessoas de 15 a 49 anos. O acesso às informações sobre essas infecções é a chave para adoção de medidas preventivas e, conseqüentemente, diminuição de casos. Considerando esse cenário, o objetivo desse trabalho foi investigar o conhecimento dos alunos do Ensino Médio da Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, Massapê do Piauí, a respeito das ISTs, a fim de subsidiar discussões sobre o papel da escola na educação em saúde. Para isso, o estudo foi realizada por meio de pesquisa de campo no espaço escolar em que se aplicou questionários a 13 alunos maiores de idade, de ambos os sexos, abordando a temática. Dentre os resultados dessa pesquisa foi possível identificar que os participantes de ambos os sexos negligenciam os cuidados da saúde por não procurarem atendimento especializado, nem para tratamento, tão pouco para prevenção; que os participantes conhecem em média três ISTs, com apenas um participante conhecendo sete das 10 infecções apresentadas e seis deles identificando apenas duas infecções; que os pesquisados identificam algumas ISTs como sendo transmitidas por insetos vetores; outros que a AIDS tem cura; além de acreditarem em mitos como possibilidade de contágio por essas ISTs ao usar banheiros públicos, abraçar ou apertar a mão de alguém que tem ISTs ou sentar no mesmo local que ela esteve, em compartilhar talheres, entre outras. Apesar desses resultados serem alarmantes os participantes reconhecem a importância do uso do preservativo como método para prevenção dessas infecções. Quanto ao papel da escola no desenvolvimento de ações para informação da temática este foi identificado como bastante tímido e distante da realidade, pois a maioria dos estudantes apresentam pouco conhecimento sobre um assunto que deveria ser recorrente ou comum ao seu dia a dia. É importante destacar que a escola, como principal espaço de construção do conhecimento, deve ser a ponte para se discutir, principalmente, temas cujo desenvolvimento garantam direitos, bem como o envolvimento na construção de ações e políticas públicas que promovam à saúde e bem estar. Nesse sentido, a inclusão da temática relacionadas às ISTs no Projeto Político Pedagógico da escola pode ser uma alternativa para o desenvolvimento de ações educativas significativas, de modo que esses jovens possam ser inseridos em um ambiente que aborde o tema de forma aberta, livre de preconceitos, proporcionando maior segurança e qualidade de vida aos cidadãos/ãs do campo.

**Palavras-chave:** Educação em saúde. Prevenção em saúde. Saúde sexual e reprodutiva.



## ABSTRACT

Sexually Transmitted Infections (STIs) are those caused by viruses, bacteria, or other microorganisms and transmitted mainly through sex, when there is no protection, besides the mother to her child, at the time of delivery or while breastfeeding. According to the World Health Organization, the STI statistics are frightening, with about one million infections being diagnosed daily on the planet in people aged 15 to 49 years. Access to information about these infections is the key to adopting preventive measures and, consequently, reducing cases. Thus, the objective of this work was to investigate the knowledge of high school students of the Rafael Manoel da Costa School Unit, Massapê do Piauí, regarding STIs, to subsidize the role of the school in health education. For this, research was carried out through field research in the school space in which questionnaires were applied to 13 older students, female and male, addressing the theme. Among the results of this research, it was possible to identify that participants of both sexes neglect health care didn't search for specialized care, neither for treatment nor for prevention; that participants know an average of three STIs, with only one participant knowing seven of the 10 infections of origin and six identifying only two; that respondents identify some STIs as being transmitted by insect vectors; others that SIDA is curable; in addition to believing in myths like the possibility of contagion by these STIs when using public restrooms, hugging or shaking hands with someone who has STIs or sitting in the same place as she was, sharing cutlery, among others. Although the results are alarming, they recognize the importance of using condoms as a method to prevent these infections. As for the role of the school in the development of actions for information on the theme, this was identified as quite shy and distant from reality, as most students have little knowledge on a subject that should be recurrent or common in their daily lives. It is important to highlight that the school, as the main space for the construction of knowledge, should be the bridge to discuss, mainly, themes whose development guarantees rights, as well as the involvement in the construction of public actions and policies that promote health and well-being. In this sense, the inclusion of the theme related to STIs in the Political Pedagogical Project of the school can be an alternative for the development of educational actions, so that these young people are inserted in an environment that openly addresses the theme, free from prejudice, providing greater security and quality of life for the citizens of the countryside.

**Keywords:** Health education. Health prevention. Sexual and reproductive health.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** - Infecções Sexualmente Transmissíveis que são conhecidas pelos alunos do Ensino Médio, da Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, município de Massapê do Piauí, Estado do Piauí. DIP: doença inflamatória pélvica.....24
- Figura 2** - Infecções transmitidas por falta do uso de preservativos reconhecidas pelos alunos do Ensino Médio da Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, município de Massapê do Piauí, Estado do Piauí.....25
- Figura 3** - Respostas dadas por alunos do Ensino Médio da Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, município de Massapê do Piauí, Estado do Piauí, sobre a frequência da abordagem de temáticas relacionadas às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) na escola.....29
- Figura 4** - Respostas dadas por alunos do Ensino Médio da Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, município de Massapê do Piauí, Estado do Piauí, sobre os momentos em que é abordado o tema Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) na escola.....30
- Figura 5** - Respostas dadas por alunos do Ensino Médio da Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, município de Massapê do Piauí, Estado do Piauí, sobre as fontes que utilizam para busca de informações acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).....31

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	13
<b>2.1 Objetivo geral</b> .....	13
<b>2.2 Objetivos específicos</b> .....	13
<b>3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	14
<b>3.1 Histórico das Infecções Sexualmente Transmissíveis</b> .....	14
<b>3.2 Infecções Sexualmente Transmissíveis</b> .....	15
<b>3.2. 1 Infecções provocadas por vírus</b> .....	15
<b>3.2.1.1 Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS)</b> .....	15
<b>3.2.1.2. Condiloma acuminado</b> .....	16
<b>3.2.1.3 Infecção causada pelo vírus T-linfotrópico humano (HTLV)</b> .....	16
<b>3.2.1.4 Hepatites</b> .....	16
<b>3.2.2 Infecções provocadas por bactérias</b> .....	17
<b>3.2.2.1 Cancro mole</b> .....	17
<b>3.2.2.2 Gonorreia</b> .....	17
<b>3.2.2.3 Linfgranuloma venéreo (LGV)</b> .....	18
<b>3.2.2.4 Sífilis</b> .....	18
<b>3.2.2.5 Donovanose</b> .....	18
<b>3.2.2.6 Clamídia</b> .....	19
<b>3.3 Educação em saúde sexual e reprodutiva na escola</b> .....	19
<b>4 MATERIAL E MÉTODOS</b> .....	22
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.</b> .....	23
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	33
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA INVESTIGAÇÃO SOBRE O TEMA</b> .....	37
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)</b> .....	39

## 1 INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)<sup>1</sup> são aquelas provocadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos e transmitidas, principalmente, por via sexual (oral, vaginal, anal), quando não há proteção, e, de forma eventual, por via sanguínea. A transmissão de uma IST ainda pode acontecer da mãe para a criança durante o período gestacional, no momento do parto ou na amamentação (BRASIL, 2018a). Na atualidade, essas infecções representam um sério problema para a Saúde Pública, principalmente pela falta de informações e dificuldades de acesso a um tratamento apropriado (BRASIL, 2018b).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), os problemas das ISTs se perpetuam no mundo inteiro, com a estatística assustadora de que cerca de um milhão de infecções são diagnosticadas por dia no planeta em pessoas de 15 a 49 anos (OMS, 2018). Segundo essa mesma fonte, no decorrer do ano estima-se um registro de 357 milhões de novos casos de ISTs, isso considerando as quatro mais comuns: clamídia, gonorreia, tricomoníase e sífilis.

No Brasil, as pessoas da faixa etária de 25 a 39 anos são as mais vulneráveis a adquirir essas infecções transmitidas pelo contato sexual (BRASIL, 2018b). De acordo com os dados do Ministério da Saúde, apenas a metade dos jovens entre 15 e 24 anos utilizam preservativo no ato sexual enquanto a outra metade se arrisca podendo contrair diferentes doenças (BRASIL, 2018a).

Devido a gravidade e potencial para a disseminação, as ISTs, HIV/AIDS, hepatites virais e coinfeções têm notificação compulsória, e os dados de ocorrência compõem uma base pública que podem auxiliar nas ações de vigilância epidemiológica (BRASIL, 2021). Para entendermos a dimensão do avanço dessas infecções no Brasil, o Ministério da Saúde contabilizou 158.051 casos de sífilis adquirida em adultos em 2018, um aumento de 28,3% em um prazo de um ano (BRASIL, 2019a). Em gestantes, foram notificados 62.599 novos casos somente em 2018, um crescimento de 25,7% se comparado a 2017 (BRASIL, 2019a).

A falta de diálogo com os pais e o pouco envolvimento da comunidade escolar e dos profissionais da saúde com a temática são fatores que impedem os jovens de obterem informações importantes sobre o assunto e, conseqüentemente, de adotarem atitudes para evitar

---

<sup>1</sup>Neste trabalho o termo “DST” será mantido apenas nas citações diretas que tratam do tema e que foram publicados em anos anteriores à 2016, uma vez que a partir dessa data se oficializou a alteração da nomenclatura de “DST” para “IST” seguindo o preconizado pelo Decreto Nº 8.901/2016 do Ministério da Saúde. Nas citações indiretas nessa mesma situação, a autora fará o uso do termo IST adequando-se ao indicado pelo Ministério da Saúde e Organização Mundial de Saúde.

o contágio com as ISTs (BRASIL, 2018b). A incorporação da educação em saúde aos programas escolares tem como finalidade ampliar a visão e o conhecimento dos/as alunos/as acerca dessa e de outras temáticas diretamente relacionadas aos cuidados com a saúde e bem estar (BRASIL, 2018a).

Nesse sentido, tratar assuntos relacionados à saúde na escola proporciona uma maior aproximação do conhecimento teórico à realidade dos/as estudantes, tendo como pressuposto a formação de atitudes e valores benéficos à sua saúde e das pessoas com as quais convivem. Considerando os avanços das ISTs na população jovem, a pesquisa buscou investigar, dentro do universo dos jovens do campo: i) quais os conhecimentos que esses sujeitos possuem a respeito das ISTs? ii) esses conhecimentos são suficientes para que possam desenvolver atitudes que visem evitar o contágio por essas infecções? iii) Qual o papel da escola na educação em saúde desses jovens camponeses? Esses dados subsidiarão discussões sobre como abordar o tema na escola a fim de promover a sensibilização e a orientação quanto aos problemas de saúde causados pelas ISTs e a sua prevenção.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Investigar o conhecimento dos alunos do Ensino Médio da Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, Massapê do Piauí, a respeito das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), a fim de subsidiar discussões sobre o papel da escola na educação em saúde.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Identificar as infecções que são mais conhecidas pelos alunos;
- Verificar a ocorrência de erros conceituais a respeito das ISTs pelos alunos;
- Reconhecer comportamentos de risco para a contaminação pelas ISTs;
- Discutir o papel da educação em saúde nas escolas do campo.

### 3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

#### 3.1 Histórico das Infecções Sexualmente Transmissíveis

Conforme Durovni e May (1998), as ISTs já possuíram várias denominações. No século XVI, elas eram conhecidas “por doenças dos indecentes” devido serem transmitidas por meio das relações sexuais; no decorrer do século XVI ficaram conhecidas como doenças venéreas e no século XIX, os médicos e cientistas detectaram que os microrganismos que causavam as ISTs eram os mesmos que provocavam as doenças venéreas, e classificaram-nas em duas categorias: i) classe A, venéreas, que incluía as doenças cuja transmissão ocorria somente por via sexual, como gonorreia, sífilis, cancroide e linfo granuloma venéreo; e ii) classe B, paravenéreas, que englobava as doenças cuja transmissão não era exclusivamente por relações sexuais, como ocorre para a hepatite, herpes e condiloma.

A partir do século XX, no ano de 1983, a classificação das doenças sofreu algumas mudanças; ao invés de serem chamadas de “doenças venéreas” foram substituídas pela denominação “Doenças Sexualmente Transmissíveis” (DSTs) (DUROVNI; MAY, 1998). No ano de 2016, o Ministério da Saúde, atendendo recomendação da OMS, passa a denominar as DSTs como “Infecções Sexualmente Transmissíveis” (ISTs). Essa última terminologia foi adotada via Decreto Nº 8.901/2016 do Ministério da Saúde por ser mais adequada uma vez que uma pessoa pode ter e transmitir uma infecção mesmo sem sinais e sintomas, diferente do termo “doença” que sempre está associada à presença de sintomas.

Atualmente, as ISTs que mais provocam preocupação e cuidados na proliferação mundial são aquelas transmitidas por meio viral como, por exemplo, o condiloma, a herpes, hepatite A e B, e AIDS, que até o momento é uma doença incurável (BRUM, 2017). De acordo com a OMS (2018), algumas ISTs são difíceis de serem curadas, mas em todos os casos há tratamentos que amenizam os sintomas ou podem evitar a progressão da doença. Outras ISTs são curáveis, desde que o infectado procure rapidamente ajuda médica.

A seguir será apresentado um resumo das principais ISTs. É direito e dever de todo cidadão manter-se informado sobre elas e evitar sua transmissão, uma vez que sua disseminação afeta toda a sociedade (BRASIL, 2018a).

### 3.2 Infecções Sexualmente Transmissíveis

O Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde considera como ISTs: cancro mole, condiloma acuminado (HPV), doença inflamatória pélvica (DIP), donovanose, gonorreia, clamídia, linfogranuloma venéreo (LGV), sífilis e infecção pelos vírus T-linfotrópico humano (HILV) (BRASIL, 2018b). Esse mesmo setor separa AIDS e hepatite, considerando-as como doenças de condições crônicas. Neste trabalho, classificaremos todas elas de acordo com o agente etiológico<sup>2</sup>.

#### 3.2.1 Infecções provocadas por vírus

##### 3.2.1.1 Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS)

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS – sigla em inglês para *Acquired Immune Deficiency Syndrome*) é uma infecção até o momento incurável, embora já existam formas de tratamento que podem melhorar a condição de vida dos doentes. Transmitida pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV – sigla em inglês para *Human Immunodeficiency Virus*), a pessoa infectada não apresenta sintomas na fase inicial da infecção, mas a presença do HIV já pode ser detectada por exames de sangue, no qual aparecem anticorpos contra o vírus. Pessoas com anticorpos contra o HIV são chamadas de soropositivas.

O HIV é transmitido pelo contato sexual com pessoas infectadas e pelo sangue, principalmente pelo compartilhamento de seringas no uso de drogas injetáveis ou por transfusão de sangue contaminado. Recém-nascidos, filhos de mães portadoras do HIV, podem adquirir o vírus durante o parto ou durante a amamentação. Embora ainda não haja cura para a AIDS, os tratamentos quimioterápicos, denominados de terapias antirretrovirais, evoluíram muito. O uso combinado de diversas drogas antivirais, os chamados “coquetéis antivirais”, compostos por inibidores da síntese de ácidos nucleicos e de enzimas importantes para a formação das partículas virais, tem conseguido prolongar a vida de muitos doentes (OMS, 2018).

---

<sup>2</sup> A fonte utilizada para consulta foi Brasil (2018a).



### 3.2.1.2. Condiloma acuminado

Popularmente chamado de “crista de galo” é uma IST causada pelo Papiloma Vírus Humano (HPV – sigla em inglês de *Human Papillomavirus*), transmitido por via sexual ou adquirida da mãe durante a gestação. Caracteriza-se pelo aparecimento nos órgãos genitais de lesões em forma de verrugas altas que apresentam um “cume” ou crista, daí o nome condiloma acuminado. Um grande problema da aquisição do HPV é que ele pode causar também câncer nos órgãos genitais e ânus (ALMEIDA, 2008).

### 3.2.1.3 Infecção causada pelo vírus T-linfotrópico humano (HTLV)

A infecção causada pelo vírus T-linfotrópico humano (HTLV – sigla em inglês para *Human T lymphotropic virus*) capaz de atingir as células de defesa do organismo. A transmissão dessa infecção pode ocorrer de mãe para filho através do aleitamento materno, processo conhecido como transmissão vertical. Além do aleitamento materno, essa infecção pode ser transmitida através do contato sexual, por vias desprotegidas, com uma pessoa infectada. Outra forma de contágio é por meio do uso e compartilhamento de seringas e agulhas.

### 3.2.1.4 Hepatites

A hepatite é uma inflamação no fígado. A mesma pode ser ocasionada por vírus ou pelo uso de medicamentos, álcool e outras drogas. Esse tipo de doença ocorre de forma silenciosa, e, em muitos casos os sintomas demoram a surgir, o que pode dificultar o diagnóstico na fase inicial. Ela se manifesta através de sintomas como cansaço, febre, mal-estar, tontura, enjoo, vômitos, dor abdominal, pele e olhos amarelados, urina escura e fezes claras. As hepatites são classificadas como: A, B, C, D e E. Mas no Brasil as hepatites virais mais comuns são as causadas pelos vírus A, B e C (BRASIL, 2019b).

Conforme Brasil (2005), a hepatite A é uma doença infecciosa viral, contagiosa, causada pelo Vírus da Hepatite A (HAV - sigla em inglês de *Hepatitis A Virus*), também conhecida como “hepatite infecciosa”, “hepatite epidêmica”, ou “hepatite de período de incubação curto”. O agente etiológico é um pequeno vírus que apresenta como material genético o ácido ribonucleico (RNA). Ela é transmitida através de contágio fecal-oral (pela ingestão de alimentos ou bebidas contaminados) e por prática sexual oral-anal.

A hepatite B é uma doença infecciosa viral, contagiosa, causada pelo Vírus da Hepatite B (HBV - sigla em inglês de *Hepatitis B Virus*), conhecida antigamente como soro-homóloga.

O agente etiológico é um vírus cujo material genético é constituído por ácido desoxirribonucleico (DNA), o hepatovírus da família Hepadnaviridae. A infecção pode apresentar-se como assintomática ou sintomática. Ela é transmitida por relações sexuais desprotegidas; intervenções odontológicas e cirúrgicas; hemodiálise, tatuagens e perfurações de orelha; uso de drogas com compartilhamento de seringas, agulhas ou outros equipamentos; e por meio de transmissão vertical (mãe/filho).

A hepatite C é uma doença infecciosa viral, contagiosa, causada pelo Vírus da Hepatite C (HCV - sigla em inglês de *Hepatitis C Virus*), conhecido anteriormente por “Hepatite Não A Não B”, quando era responsável por 90% dos casos de hepatite transmitida por transfusão de sangue sem agente etiológico reconhecido. Essa doença é transmitida pela transfusão de sangue, uso de drogas injetáveis, procedimentos de hemodiálise e acupuntura (BRASIL, 2019b).

### **3.2.2 Infecções provocadas por bactérias**

#### **3.2.2.1 Cancro mole**

Também chamado cancro venéreo simples ou “cavalo”, é uma IST causada pela bactéria *Haemophilus ducreyi* (Neveu-Lemaire, 1921) Bergey *et al.*, 1923, transmitida exclusivamente por via sexual. Caracteriza-se por lesões, geralmente dolorosas nos órgãos genitais, sendo mais frequente no homem. O período de incubação da bactéria, durante o qual os sintomas ainda não se manifestam, geralmente é de três a cinco dias, mas podem durar até duas semanas. O tratamento é feito com antibióticos e durante esse período a pessoa deve abster-se de relações sexuais, até a doença estar completamente curada (OMS, 2018).

#### **3.2.2.2 Gonorreia**

É uma IST causada pela bactéria *Neisseria gonorrhoeae* (Zopf, 1885) Trevisan, 1885, transmitida exclusivamente por via sexual ou adquirida pelo recém-nascido na hora do parto. O diagnóstico da doença é fácil nos homens, que manifestam sintomas como ardor ao urinar e produção de uma secreção uretral de cor amarelada poucos dias após a infecção. Nas mulheres, porém, os sintomas são poucos evidentes, o que representa um grande risco de a infecção evoluir para o que se denomina Doença Inflamatória Pélvica (DIP), com comprometimento das tubas uterinas (VIEIRA, 2002).

### 3.2.2.3 Linfogranuloma venéreo (LGV)

É uma IST causada pela bactéria *Chlamydia trachomatis* (Busacca, 1935) Rake, 1957 emend. Everett et al., 1999 emend. Everett & al., 1999 que se transmite exclusivamente por via sexual. Os sintomas iniciais são pequenas bolhas ou feridas nos órgãos genitais, que geralmente desaparecem logo mais tarde. Após um período de incubação entre três a 30 dias, ocorre grande inchaço nos linfonodos das virilhas, e é mais frequente nos homens (ALMEIDA, 2008).

### 3.2.2.4 Sífilis

É uma IST causada pela bactéria *Treponema pallidum* (Schaudinn e Hoffmann, 1905) Schaudinn, 1905, transmitida exclusivamente por via sexual ou da mãe para o feto durante a gestação. A doença apresenta três estágios distintos, separados por períodos. O primeiro estágio é a sífilis primária, os sintomas apresentados são: feridas indolores, geralmente na região genital, reto ou no colo do útero.

O segundo estágio é a sífilis secundária, caracterizada por sintomas como vermelhidão no corpo, coceiras, surgimento de gânglios inchados nas axilas e no pescoço, dores musculares, febre, dor de garganta e dificuldade para deglutir. Esse estágio ocorre cerca de duas a oito semanas após as primeiras feridas se desenvolverem. O terceiro estágio é a sífilis terciária, cujo diagnóstico é ainda mais difícil que a fase inicial. Os sintomas afetam o cérebro, olhos, coração, juntas e até mesmo dentro do sistema nervoso, apresentando problemas como dor de cabeça e até mesmo epilepsia (ALMEIDA, 2008).

A sífilis é considerada latente quando os sintomas não aparecem, mas apresenta riscos ao indivíduo infectado e ao bebê quando a gestante se encontra com a infecção, pois a bactéria pode ser transmitida tanto durante a gravidez, por meio da placenta, ou na hora do parto.

### 3.2.2.5 Donovanose

A donovanose é uma IST crônica progressiva causada pela bactéria *Klebsiella granulomatis* (Aragao e Vianna, 1913) Carter et al., 1999. Essa infecção afeta essencialmente a pele e as mucosas das regiões da genitália, da virilha e do ânus. Causa úlceras e destrói a pele infectada. A forma de transmissão ocorre através de relações sexuais desprotegidas com uma pessoa infectada (BRASIL, 2019c).

### 3.2.2.6 Clamídia

É uma IST causada pelas bactérias *Neisseria gonorrhoeae* (Zopf, 1885) Trevisan, 1885 e *Chlamydia trachomatis*. Ela é causada por uma infecção que atinge os órgãos genitais, a garganta e os olhos. Os principais sintomas dessa infecção são: nas mulheres, dor ao urinar, corrimento amarelado ou claro e sangramento durante a relação sexual; e nos homens pode haver corrimento ou pus, além de dor nos testículos. A transmissão dessa infecção é através de relações sexuais desprotegidas com pessoas infectadas. Há possibilidade de transmissão dessas infecções no parto vaginal e a criança pode nascer com conjuntivite, que pode levar à cegueira se não for prevenida ou tratada adequadamente. (BRASIL, 2019d).

### 3.3 Educação em saúde sexual e reprodutiva na escola

A saúde sexual e reprodutiva é um direito universal reconhecido como “terceira geração de direitos humanos” (VILLELA; ARILHA, 2003, p. 136). Essa universalidade dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos deve ser garantida pelo Estado, “mediante ações e estratégias que promovam o compromisso e responsabilidade dos cidadãos com seu exercício de modo responsável e mediante condições saudáveis e libertas de riscos” (BRASIL, 2013a).

Para a população de adolescentes e jovens umas das ações propostas é o acesso a informações e à educação em saúde, além do acesso a meios e métodos que os auxiliem a evitar uma gravidez não planejada, bem como a prevenir-se de ISTs, respeitando-se a sua liberdade de escolha (BRASIL, 2009; 2013a). Segundo o Ministério da Saúde, educação em saúde é o “processo educativo de construção de conhecimentos em saúde que visa à apropriação temática pela população e não à profissionalização ou à carreira na saúde” (BRASIL, 2013b). Falkenberg *et al.* (2014), complementa essa definição afirmando que a educação em saúde é caracterizada como um processo político pedagógico que envolve diferentes profissionais e setores da sociedade, cujo objetivo é aumentar a autonomia dos indivíduos nas escolhas e decisões acerca de questões individuais e coletivas envolvendo saúde.

Dessa forma, quando se trata de educação em saúde sexual e reprodutiva, a escola pode ser um espaço democrático, respeitoso e participativo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) já apontavam que o trabalho pedagógico voltado para essa temática era relevante a ponto de incluí-la no tema transversal “Orientação sexual” (BRASIL, 1998). Essa abordagem transdisciplinar sugerida nesse documento ultrapassava o enfoque conteudista voltado para a reprodução humana, anatomia e fisiologia do corpo humano e informações sobre as doenças, o

incluindo com o enfoque reflexivo de modo que os/as alunos/as pudessem adotar condutas que valorizassem sua saúde (BRASIL, 1998).

Analisando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018c) voltada para o Ensino Médio, nota-se um retrocesso para a efetivação da educação em saúde sexual e reprodutiva, uma vez que nenhuma menção sobre a temática se apresenta no documento. No entanto, como seu texto é redigido de forma bastante genérica, alguns elementos podem subsidiar o trabalho com a temática na Educação Básica, tais como:

- Como competências gerais da Educação Básica indica-se no item 8, “conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.” (BRASIL, 2018c, p. 14).

- Na apresentação do Ensino Médio no contexto da Educação Básica, ao reconhecer a existência de “múltiplas culturas juvenis” ou “muitas juventudes”, fica explícito o compromisso em “assegurar aos estudantes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos” (BRASIL, 2018c, p. 463).

- Quando direcionamos nosso olhar ao trecho destinado para a área Ciências da Natureza e suas Tecnologias, podemos encontrar na Competência Específica 2 (“Analisar e utilizar interpretações sobre a dinâmica da Vida, da Terra e do Cosmos para elaborar argumentos, realizar previsões sobre o funcionamento e a evolução dos seres vivos e do Universo, e fundamentar e defender decisões éticas e responsáveis”), uma das habilidades (EM13CNT207), que prevê:

Identificar, analisar e discutir vulnerabilidades vinculadas às vivências e aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas, considerando os aspectos físico, psicoemocional e social, a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar. (BRASIL, 2018c, p. 557)

- Ainda no trecho destinado para a área Ciências da Natureza, na Competência 3 (“Investigar situações-problema e avaliar aplicações do conhecimento científico e tecnológico e suas implicações no mundo, utilizando procedimentos e linguagens próprios das Ciências da Natureza, para propor soluções que considerem demandas locais, regionais e/ou globais, e comunicar suas descobertas e conclusões a públicos variados, em diversos contextos e por meio

de diferentes mídias e tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC)”) encontramos a habilidade (EM13CNT310), que qual objetiva:

Investigar e analisar os efeitos de programas de infraestrutura e demais serviços básicos (saneamento, energia elétrica, transporte, telecomunicações, cobertura vacinal, atendimento primário à saúde e produção de alimentos, entre outros) e identificar necessidades locais e/ou regionais em relação a esses serviços, a fim de avaliar e/ou promover ações que contribuam para a melhoria na qualidade de vida e nas condições de saúde da população. (BRASIL, 2018c, p. 560)

Com isso posto, no atual cenário da Educação Básica brasileira, trabalhar a educação em saúde sexual e reprodutiva nas escolas é possível e um dos modos de se buscar formação integral dos jovens nesse campo, devido ao tempo de permanência deles nesses espaços, às oportunidades de trocas de saberes, convívio social e relacionamentos que se firmam. Desse modo, a escola não pode se omitir diante da relevância dessas questões, constituindo local privilegiado para a abordagem das ISTs e qualquer outro tema que vá garantir a saúde física e mental dos/as estudantes.

#### 4 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada na Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, localizada na cidade de Massapê do Piauí. Essa unidade escolar possui 190 alunos (XAVIER, *com. pes.*), atendendo estudantes da sede e da zona rural do referido município. Essa instituição de ensino é concedente do Ensino Médio, e funciona em dois períodos, vespertino e noturno.

Os dados foram coletados por meio de questionário misto, modificado de Brasil (2011), direcionado a alunos maiores de idade dos três anos do Ensino Médio da referida escola (APÊNDICE A). A escolha pelo questionário como instrumento de coleta de dados se deu pela sua propriedade de poder atingir uma quantidade maior de sujeitos em um tempo menor e à sua maior objetividade em relação a outras técnicas (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Antes da aplicação do questionário foi feita a explicação da pesquisa em um horário de aula cedido por um docente da instituição. Os alunos que se sentiram à vontade, se voluntariaram a participar da pesquisa e foram direcionados à biblioteca da escola onde receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B), o documento com as perguntas e tiveram 50 minutos para seu preenchimento. A identidade deles foi preservada.

O questionário aplicado foi composto por três blocos de perguntas: i) informações pessoais, como: série, idade, sexo, além de questões relacionadas as atitudes e práticas frente às ISTs; ii) conhecimento sobre o tema; iii) papel da educação em saúde. Os dados foram contabilizados e gráficos construídos para melhor interpretação deles.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Treze alunos aceitaram participar da pesquisa. O público feminino (n = 10; 77%) foi maior que o masculino (n = 3; 23%) e a idade variou de 18 a 31 anos. A primeira questão referente as atitudes e práticas frente às ISTs do questionário abordava se os participantes já haviam tido relações sexuais e oito deles (61,5%) afirmaram já terem praticado, quatro (30,8%) assinalaram nunca ter praticado e um participante (7,6%) não respondeu. Apesar de alguns assumirem não ter iniciado a prática sexual, todos responderam a questão relacionada ao uso dos preservativos durante as relações sexuais, com nove (69,2%) afirmando que sempre usam preservativos, dois (15,4%) relataram que raramente usam, um (7,7%) assumiu que nunca e outro (7,7%) que faz uso do preservativo muitas vezes.

O início da prática sexual ainda na adolescência está ocorrendo cada vez mais precoce, com a maioria desses adolescentes começando e mantendo relações sexuais sem o uso do preservativo (camisinha masculina ou feminina) (BRASIL, 2006). Os resultados obtidos na presente pesquisa reforçam essa informação, pois alguns sujeitos, apesar de já não se enquadrarem na adolescência segundo o Estatuto da Criança e Adolescente (BRASIL, 1990), mantêm práticas não adequadas para prevenção das ISTs. A falta de informações tem sido apontada como a principal causa desse fato ocorrer, e, como consequência gera muitos problemas no espaço escolar, na sociedade e no projeto de vida, principalmente para o público feminino que sofrerá diretamente com gravidez indesejada, abortos clandestinos, ISTs e problemas de saúde que irão se desenvolver no futuro (SANTOS, 2001).

Ainda sobre o público feminino, nove (90%) entrevistadas relataram que nunca procuraram um ginecologista e somente uma (10%) já procurou um médico com essa especialidade. Acerca da realização do exame Papanicolau, sete (70%) participantes afirmaram que nunca realizaram esse tipo de exame e três (30%) destacaram que o desconhecem. Segundo uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde a proporção de mulheres sexualmente ativas que nunca fizeram o exame ginecológico é maior entre as jovens de 15 a 24 anos, isso caracteriza um intervalo de tempo longo, pressupondo um risco maior para desenvolver lesões precursoras de câncer de colo uterino, contrariando as recomendações atuais desse órgão (BRASIL, 2011).

Em relação aos problemas de saúde das mulheres entrevistadas, seis (60%) participantes relataram que já apresentaram corrimento e as demais nunca tiveram esse tipo de problema. Acerca de feridas, pequenas bolhas e verrugas na vulva ou vagina, as mulheres destacaram que

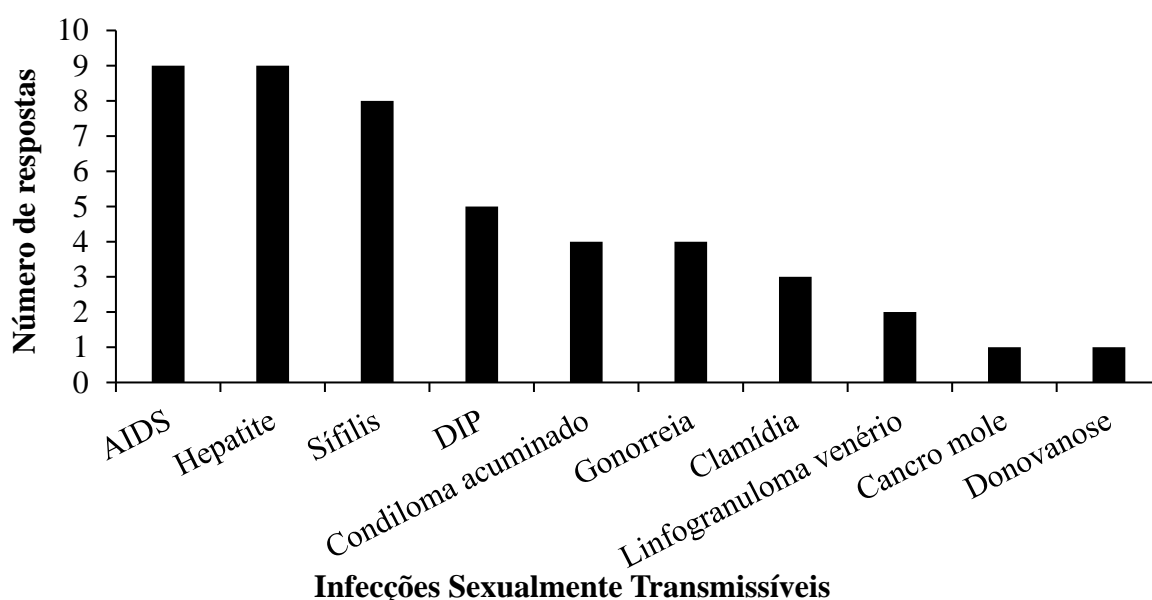


nunca tiveram esses problemas. Das participantes que já apresentaram corrimento, somente duas (33,3%) procuraram tratamento e as demais nunca procuraram atendimento médico.

Para os participantes homens, nenhum destacou ter apresentado sintomas como corrimento na uretra, feridas no pênis, pequenas bolhas ou verrugas no pênis. O relatório do Ministério da Saúde relata que a busca por tratamento é consistentemente maior entre as mulheres quando comparadas aos homens (BRASIL, 2011). No caso do público pesquisado percebeu-se que participantes de ambos os sexos negligenciam os cuidados da saúde por não procurarem atendimento especializado, nem para tratamento, tão pouco prevenção.

Acerca do conhecimento dos participantes sobre as ISTs, questionou-se quais infecções eles conheciam ou já haviam ouvido falar. As infecções que se destacaram foram AIDS e a hepatite, assinaladas por nove sujeitos (69,2 %) cada doença, seguida de sífilis (n = 8; 61,5 %) (FIG. 1). As ISTs menos conhecidas foram cancro mole e donovanose, com apenas um participante (7,6%) reconhecendo cada uma dessas. A análise dos dados indica que participantes conhecem em média três ISTs, com apenas um participante apontando conhecer ou ter ouvido falar de sete das 10 infecções apresentadas e seis deles identificando apenas duas infecções.

**Figura 1** - Infecções Sexualmente Transmissíveis que são conhecidas pelos alunos do Ensino Médio, da Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, município de Massapê do Piauí, Estado do Piauí. DIP: doença inflamatória pélvica.

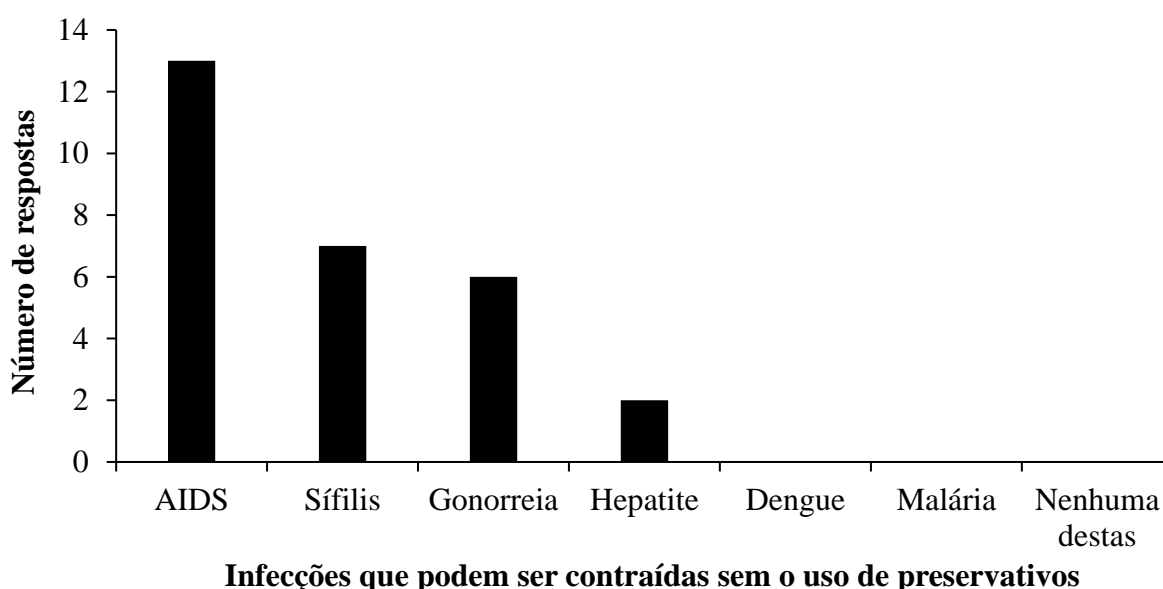


Fonte: Autoria própria (2020).

A gravidade do pouco conhecimento dos alunos sobre as IST se intensifica quando se analisa as respostas ao questionamento que incluiu algumas ISTs na lista de doenças transmitidas por um inseto vetor, pois dois alunos assinalaram AIDS e outros dois, marcaram hepatite como infecções cuja transmissão não ocorrem por essa via.

Com relação às infecções que podem ser contraídas por falta do uso de preservativo, a AIDS se destacou pela totalidade dos participantes reconhecendo-a, seguida da sífilis ( $n = 7$ ; 53,8%), gonorreia ( $n = 6$ ; 46,1%) e hepatite ( $n = 2$ ; 15,3%) (FIG. 2). Em relação às ISTs que possuem cura, destacaram-se com a maioria das respostas sífilis, hepatite e gonorreia com quatro participantes assinalando-as (30,7%). Outra resposta que merece atenção foi a de um dos sujeitos que marcou a AIDS como uma infecção que possui cura.

**Figura 2** – Infecções transmitidas por falta do uso de preservativos reconhecidas pelos alunos do Ensino Médio da Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, município de Massapê do Piauí, Estado do Piauí.



**Fonte:** A autoria própria (2020).

A AIDS é considerada uma doença crônica transmissível. A pandemia dessa doença vem influenciando várias discussões em âmbito internacional sobre as maneiras de controlar sua evolução. Desde 1980 até junho de 2013 foram registrados no Brasil, conforme o Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN), 686.478 casos dessa doença, sendo 95.516 (13,9%) ocorrentes na Região Nordeste (BRASIL, 2014). Agrava-se esse cenário o fato da AIDS não possuir cura, apenas tratamento cuja finalidade é controlar a doença e prolongar a vida do sujeito. Durante o tratamento são utilizados medicamentos antirretrovirais, que inibem o crescimento e a replicação do vírus HIV (BRASIL, 2008). Vale enfatizar, que no Brasil todo cidadão tem direito ao acesso gratuito a esses fármacos (BRASIL, 2008), no entanto, a

prevenção dever ser a medida mais assertiva de enfrentamento da doença pois portar o vírus tem implicações emocionais e sociais graves, além da saúde.

Quando questionados sobre quais medidas consideravam importante para se prevenir das ISTs, 11 sujeitos (84,6%) assinalaram corretamente o uso de preservativos. No entanto, seis deles (46,2%) destacaram também “evitar ter relações sexuais”, dois (15,4%) relataram “tomar banho após a relação sexual” e um (7,7%) destacou “ter relação sexual sempre com o mesmo parceiro”. Essas respostas trazem um alerta sobre conhecimentos equivocados dos participantes, pois são alternativas que além de não impedir a transmissão das ISTs, podem levar à comportamentos que expõem o indivíduo à sofrimentos psicológicos e a situações favoráveis à contaminação.

De acordo com Garcia e Souza (2010), mesmo os participantes possuindo informações importantes sobre a AIDS, assim como as ISTs, são frequentes os relatos sobre formas incorretas de transmissão e maneiras preventivas influenciadas pelo senso comum, cuja crença é de que o contágio pode acontecer facilmente pelo processo de higienização ou compartilhamento de talheres. Essa afirmação corrobora os resultados obtidos no presente estudo tanto na questão apresentada acima como em algumas que apresentaremos a seguir.

Foi solicitado aos pesquisados que, diante das afirmativas apresentadas, assinalassem se concordavam, discordavam ou não tinham conhecimento. A primeira sentença afirmava que “os riscos de transmissão das ISTs podem ser reduzidos se uma pessoa tiver relações sexuais somente com pessoas conhecidas”; cinco sujeitos (38,5%) afirmaram discordar, outros cinco (38,5%) não souberam opinar e três (23,1%) pessoas concordaram. Esses resultados corroboram estudo de Gil (2016), em que os pesquisados, no caso, estudantes universitários, também afirmam que a fidelidade nos relacionamentos impede o ciclo de transmissão das ISTs. Essas informações são preocupantes pois podem levar o sujeito a dispensar o uso de preservativos quando está em um relacionamento estável, como foi constatado por Franca e Colares (2008) e Rebello e Gomes (2012) quando investigaram hábitos também de jovens universitários, cuja faixa etária foi semelhante ao do grupo pesquisado nesse estudo. O uso do preservativo diminui quando aumenta o número de relacionamentos estáveis o que leva à maior exposição desse público às ISTs (FRANCA; COLARES, 2008; REBELLO; GOMES, 2012).

Na afirmativa “uma pessoa com aparência saudável pode estar infectada por alguma ISTs”, 12 (92,3%) participantes responderam que concordam e um (7,7%) não soube responder. Segundo a pesquisa realizada por Gil (2016), 98,7% dos entrevistados concordavam que uma pessoa pode ter uma aparência saudável, mesmo que esteja infectada com algum tipo de IST. A autora ressalta ainda que muitas pessoas são assintomáticas, pois durante o tratamento os

sintomas e sinais mais relevantes desaparecem e nesse caso não é possível perceber fisicamente a presença de ISTs. Logo, o uso de preservativos é indicado para toda prática sexual.

Na outra afirmativa que considerava “abraçar ou apertar a mão de alguém que tem IST ou sentar no mesmo local que ela esteve sentada é uma forma de contrair a infecção”, seis participantes (46,2%) relataram que concordam, cinco (38,5%) assumiram não saber responder e apenas dois (15,4%) discordaram. Outra afirmativa apresentada nesse mesmo sentido foi a de que “uma pessoa pode ser infectada com o vírus da AIDS compartilhando talheres, copos ou refeições”, sete participantes (53,8%) concordaram, quatro (30,8%) discordaram e dois (15,4%) não souberam responder. Essas respostas são reforçadas pelas obtidas no questionamento relacionado às infecções que podem ser contraídas em banheiro público, cujo destaque foi a gonorreia, que recebeu seis marcações (46,1%), seguida de AIDS e sífilis, com cinco respostas cada (38,4%), hepatite com uma resposta (7,6%) e a alternativa “nenhuma delas” foi assinalada por apenas um participante (7,6%).

Sabendo que todas as doenças apresentadas podem ser transmitidas exclusivamente por meio de relações sexuais, transfusão sanguínea, gestação e amamentação e uso de seringas e instrumentos diversos (hospitalares, piercing, manicure) não esterilizados (BRASIL, 2014; 2018a), a concordância do público alvo da pesquisa às afirmativas descritas acima é um sinal de alerta para que a escola estabeleça um diálogo com os alunos e familiares de modo que se desmistifique essas concepções errôneas e construa conhecimentos que permitam o desenvolvimento de atitudes promotoras da saúde e não de preconceito e discriminação.

Outra afirmação pautava que “uma mulher grávida, que esteja com alguma IST, e não recebe um tratamento específico durante a gravidez e no momento do parto, transmite a doença para o bebê” e nove participantes (69,2%) concordaram com ela, mas quatro (30,8%) não souberam responder. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2000), a realização do pré-natal é o primeiro passo para um parto e nascimento saudáveis, além disso traz informações e orientações sobre a gestação diminuindo o risco de transmissão de ISTs para o feto ou durante o parto. Em 2018, foram notificados no SINAN 62.599 casos de sífilis em gestantes (taxa de detecção de 21,4/1.000 nascidos vivos); 26.219 casos de sífilis congênita (taxa de incidência de 9,0/1.000 nascidos vivos); e 241 óbitos por sífilis congênita (taxa de mortalidade de 8,2/100.000 nascidos vivos) (BRASIL, 2019a). Números bastante elevados se considerarmos que exames pré-natais regulares são eficientes no controle dessas infecções e seus agravantes (BRASIL, 2018a)

Na sequência, a afirmativa “usar preservativo é a melhor maneira de evitar que o vírus da AIDS seja transmitido”, recebeu 11 (84,6%) marcações “concordo” e dois (15,3%) “não sei

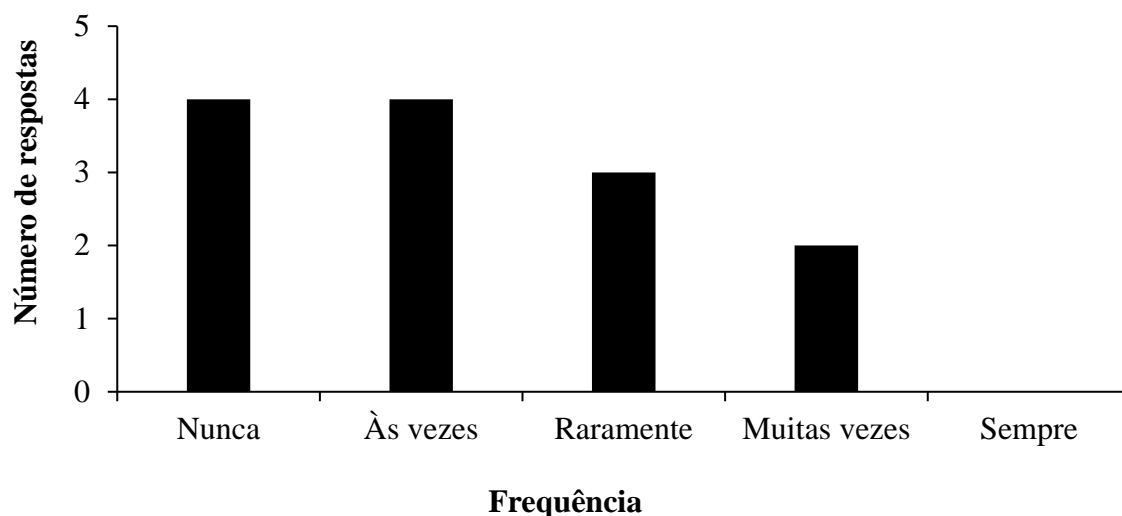
responder”. Esse resultado é inferior à porcentagem da população brasileira que concorda que uma pessoa pode ser infectada nas relações sexuais sem o uso de preservativo, a qual foi de 97% (BRASIL, 2008; 2011). No Brasil, desde o início das políticas públicas relacionadas à AIDS na década de 1980, a camisinha foi, e continua sendo, a principal estratégia de prevenção contra essa doença e as demais ISTs (PAIVA *et al.*, 2003). Além disso, o uso de preservativo durante a relação sexual é de fundamental importância para prevenir-se de gravidez indesejada quando utilizado de forma correta.

Ao serem questionados se correm risco de contrair alguma infecção caso não usem preservativo durante um ato sexual, mesmo se o parceiro não estiver infectado pelo vírus HIV, 12 sujeitos (92,3%) assinalaram que sim, é possível, pois pode também contrair outras ISTs; mas uma pessoa (7,6%) destacou que não, somente o vírus do HIV é transmitido através de relações sexuais desprotegidas.

Outro questionamento feito foi se os participantes receberam ou pegaram camisinha gratuitamente no serviço de saúde ou na escola nos últimos 12 meses e apenas um sujeito (7,7%) respondeu que sim. Essa baixa adesão ao serviço de saúde pública para adquirir preservativo envolve mitos e tabus que influenciam práticas promotoras de saúde junto à população. Nessa percepção é necessário vislumbrar que hoje a saúde sexual e reprodutiva constitui uma ação da atenção básica de saúde do Ministério da Saúde que prevê, dentre outras coisas, o “tratamento das infecções do trato reprodutivo, das ISTs e da infertilidade, serviços de saúde materno-infantil e de aconselhamento de homens, adolescentes e jovens sobre comportamento sexual responsável” (BRASIL, 2013a; 2018d). O não acesso a essas ações, conforme constatado na presente pesquisa, faz com que os sujeitos percam o direito fundamental de desfrutarem de uma vida sexual prazerosa e segura, ou seja, de “tomar decisões sobre a reprodução livre de discriminação, coerção e violência” (BRASIL, 2018d).

Com relação a frequência de abordagem das ISTs na escola, quatro participantes (30,8%) afirmaram que nunca ocorreu na referida instituição de ensino; quatro (30,8%) destacaram que às vezes esse tema é trabalhado; três (23,1%) afirmaram que raramente essa temática é abordada na escola; e duas pessoas (15,4%) afirmaram que esse tema é abordado muitas vezes (FIG 3).

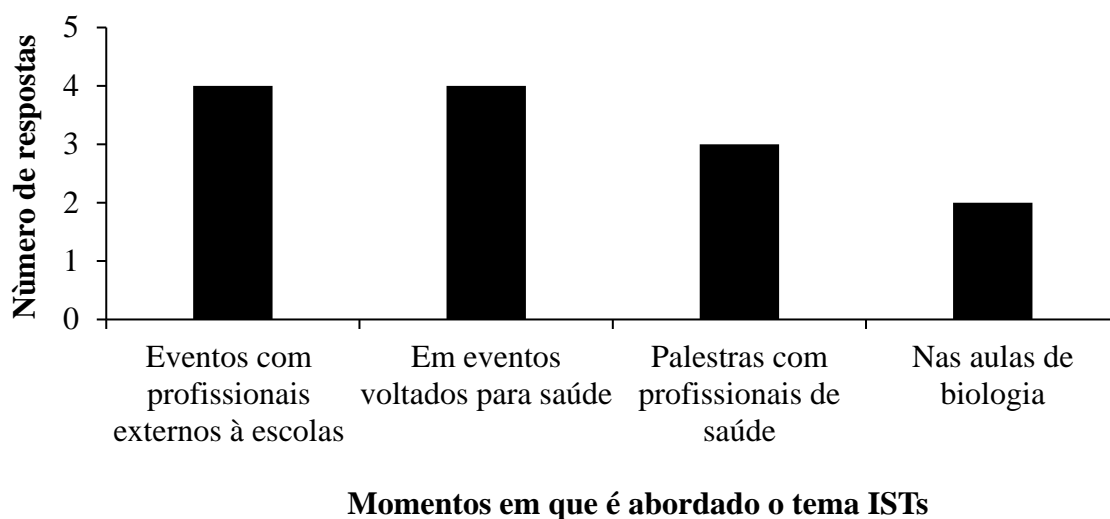
**Figura 3** - Respostas dadas por alunos do Ensino Médio da Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, município de Massapê do Piauí, Estado do Piauí, sobre a frequência da abordagem de temáticas relacionadas às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) na escola.



**Fonte:** Autoria própria (2020).

Quando foram questionados sobre em que momento a temática relacionada às ISTs é abordada na escola, destacaram-se os eventos voltados para a área da saúde e com profissionais externos, assinalados por quatro sujeitos (30,8%); seguido de palestras com profissionais da saúde, relatado por três participantes (23,1%); e aulas de biologia, opção marcada por dois partícipes (15,4%) (FIG. 4). Esse resultado é um indicativo de que as ações são tímidas e que precisam ser revistas pela instituição de ensino a qual os sujeitos da pesquisa estão vinculados para que possam ser efetivadas e que, de fato, a escola se torne um espaço para discussões relacionadas à temática.

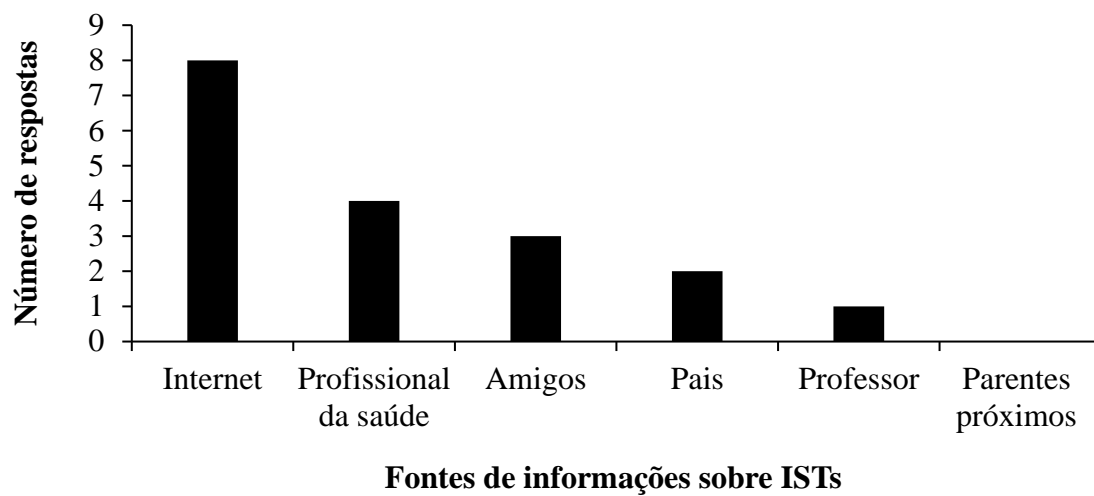
**Figura 4** - Respostas dadas por alunos do Ensino Médio da Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, município de Massapê do Piauí, Estado do Piauí, sobre os momentos em que é abordado o tema Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) na escola.



**Fonte:** Autoria própria (2020).

Com relação a busca de informação sobre as ISTs, a maioria dos participantes da pesquisa buscam informação na *internet* ( $n = 8$ ; 61,5%), os profissionais de saúde aparecem como a segunda opção mais assinalada pelos pesquisados ( $n = 4$ ; 30,8%), seguida pelos amigos ( $n = 3$ ; 23,1%), os pais ( $n = 2$ ; 15,4%) e o professor ( $n = 1$ ; 7,7%). Vale destacar que os participantes não buscam informações com os parentes próximos. Atualmente o acesso à informação sobre diversos temas ligados à saúde é facilitado. No Brasil, estima-se que mais de 10 milhões de usuários acessam a *internet* para buscar informações sobre saúde regularmente (GIANOTTI; PELLEGRINO; WADA, 2009). Essa realidade pode ser transposta para o público investigado pois, admitem fazer uso desse recurso para a obtenção de informações sobre a ISTs. No entanto, a qualidade dessas informações é preocupante, considerando as respostas incongruentes obtidas nessa pesquisa. Esse resultado em especial evidencia a importância do envolvimento da escola na criação de um ambiente para discussão, mesmo que seja virtual? de assuntos relacionados à saúde sexual e reprodutiva e não apenas para o enfoque teórico. O engajamento dos/as estudantes em atividades que visem seu protagonismo, como em rodas de conversas, projetos de pesquisa, projetos de leitura, teatro, música, campanhas de sensibilização, entre outras possibilidades, favorecerá o desenvolvimento de senso crítico e, conseqüentemente, a adoção de atitudes que prezem pela saúde e bem estar deles e dos com quem convive.

**Figura 5** - Respostas dadas por alunos do Ensino Médio da Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, município de Massapê do Piauí, Estado do Piauí, sobre as fontes que utilizam para busca de informações acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).



**Fonte:** Autoria própria (2020).



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o estudo acerca das percepções dos/as alunos/as sobre as ISTs, conseguimos acessar informações e crenças errôneas sobre a temática e verificar, que mesmo a amostra sendo pequena, muitos conhecimentos deles/as são falhos e precisam ser reestruturados. Esses resultados indicam a urgência na participação da escola no desenvolvimento de ações educativas efetivas, que levem a atitudes e comportamentos que promovam a saúde e qualidade de vida para esses sujeitos.

Ao analisar os resultados também tivemos oportunidade de dimensionar o papel da escola do campo a qual o público-alvo está vinculado e perceber que a atuação dela ainda é tímida e está muito distante da realidade, pois a maioria deles apresentam pouco conhecimento sobre um assunto que deveria ser recorrente ou comum ao seu dia a dia. É importante destacar que a escola, como principal espaço de construção do conhecimento, deve ser a ponte para se discutir, principalmente, temas que garantam direitos, como à saúde sexual e reprodutiva, bem como o envolvimento na construção de ações e políticas públicas que promovam a saúde e o bem-estar, principalmente uma instituição como a pesquisada, que possui um número relativamente pequeno de alunos o que facilita ações bastante efetiva dentro da temática.

Nesse sentido, a inclusão das ISTs no Projeto Político Pedagógico da escola pode ser uma alternativa para o desenvolvimento de ações educativas significativas, de modo que esses jovens possam ser inseridos em um ambiente que aborde o tema de forma aberta, livre de preconceitos, proporcionando maior segurança e qualidade de vida aos cidadãos/ãs do campo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, **Doenças Sexualmente Transmissíveis**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2008.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Orientação Sexual**. Brasília, DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Portaria n. 569/GM, de 1º de junho de 2000**. Institui o Programa de Humanização no pré-Natal e Nascimento, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2000. Disponível em:

[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2000/prt0569\\_01\\_06\\_2000\\_rep.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2000/prt0569_01_06_2000_rep.html). Acesso em: 25 fev. 2021.

\_\_\_\_\_. **A, B, C, D, E de hepatites para comunicadores**. Brasília, DF: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de Vigilância Epidemiológica, 2005.

Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/hepatites\\_abcde.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/hepatites_abcde.pdf). Acesso em: 14 fev. 2021.

\_\_\_\_\_. **Manual de rotinas para assistência de adolescentes vivendo com HIV/AIDS**.

Brasília, DF: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/ Programa Nacional de DST/AIDS, 2006. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2007/manual-de-rotinas-para-assistencia-adolescentes-vivendo-com-hivaids-2006>. Acesso em: 13 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Manual de adesão ao tratamento para pessoas vivendo com HIV e AIDS**.

Brasília, DF: Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids, 2008. Disponível em:

[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual\\_adesao\\_tratamento\\_hiv.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_adesao_tratamento_hiv.pdf). Acesso em: 12 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília, DF: Ministério da Saúde/ Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, 2009. Disponível em:

[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos\\_sexuais\\_reprodutivos\\_metodos\\_anticoncepcionais.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos_sexuais_reprodutivos_metodos_anticoncepcionais.pdf). Acesso em: 25 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira**. Brasília, DF: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/ Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, 2011. Disponível em:

[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa\\_conhecimentos\\_atitudes\\_praticas\\_populacao\\_brasileira.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa_conhecimentos_atitudes_praticas_populacao_brasileira.pdf). Acesso em: 13 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. Brasília, DF: Ministério da Saúde/Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica, 2013a. Disponível em:

[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_sexual\\_saude\\_reprodutiva.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf). Acesso em: 14 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Glossário temático: Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde.** Brasília, DF: Ministério da Saúde/ Secretaria-Executiva Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, 2013b. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario\\_tematico\\_gestao\\_trabalho\\_educacao\\_saude\\_2ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_tematico_gestao_trabalho_educacao_saude_2ed.pdf). Acesso em: 13 de mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Saúde Brasil 2013: uma análise da situação de saúde e das doenças transmissíveis relacionadas à pobreza.** Brasília, DF: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação em Saúde, 2014. Disponível em: <http://svs.aids.gov.br/dantps/centrais-de-conteudos/publicacoes/saude-brasil/saude-brasil-2013-uma-analise-da-situacao-desaude-e-das-doencas-transmissiveis-relacionadas-a-pobreza.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.

\_\_\_\_\_. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).** Brasília, DF: Ministério da Saúde/Secretaria de Políticas da Saúde, 2018a. Disponível em: [http://conitec.gov.br/images/Consultas/2018/Relatorio\\_PCDT\\_IST\\_CP34\\_2018.pdf](http://conitec.gov.br/images/Consultas/2018/Relatorio_PCDT_IST_CP34_2018.pdf). Acesso em: 12 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. **Boletim Epidemiológico.** v. 49. Brasília, DF: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde, 2018b. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/novembro/19/2018-032.pdf>. Acesso em 17 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018c. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 13 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Saúde sexual e saúde reprodutiva: os homens como sujeitos de cuidados.** Brasília, DF: Ministério da Saúde/Secretaria de Atenção à Saúde/Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, 2018d. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_sexual\\_reprodutiva\\_homens\\_cuidado.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_reprodutiva_homens_cuidado.pdf). Acesso em: 13 fev. 2021.

\_\_\_\_\_. **Boletim Epidemiológico: Sífilis. Número especial.** Brasília, DF: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde. 2019a. Disponível em: [file:///C:/Users/tugim/Downloads/boletim\\_sifilis\\_2019\\_internet.pdf](file:///C:/Users/tugim/Downloads/boletim_sifilis_2019_internet.pdf). Acesso em: 17 fev. 2021.

\_\_\_\_\_. **O que são hepatites virais?** Brasília, DF: Ministério da Saúde/Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. 2019b. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-hepatites-virais-pelo-htlv>. Acesso em: 08 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. **Donovanose.** Brasília, DF: Ministério da Saúde/Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. 2019c. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist/donovanose-pelo-htlv>. Acesso em: 09 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. **Gonorreia e infecção por clamídia.** Brasília, DF: Ministério da Saúde/Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente

Transmissíveis. 2019d. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist/gonorreia-e-infeccao-por-clamidia-pelo-htlv>. Acesso em: 10 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. **Vigilância Epidemiológica**. Brasília, DF: Ministério da Saúde/Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, 2021. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/gestores/vigilancia-epidemiologica>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BRUM, M. L. B. **Percepções de adolescentes frente as IST/HIV/AIDS: demandas de cuidado à saúde, na perspectiva das vulnerabilidades**. Tese (Doutorado em Enfermagem) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre. 2017.

DUROVNI, B; MAY, S. **Doenças sexualmente transmissíveis e AIDS**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, 1998.

FALKENBERG, M. B.; MENDES, T. P. L.; MORAES, E. P.; SOUZA, E. M. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 847-852, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.01572013>.

FRANCA, C.; COLARES, V. Estudo comparativo de condutas de saúde entre universitários no início e no final do curso. **Revista de Saúde Pública**, v. 42, n. 3, p. 420-427, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsp/v42n3/6301.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.84, 1979.

GARCIA, S; SOUZA, F. M. **Vulnerabilidades ao HIV/aids no contexto brasileiro: iniquidades de gênero, raça e geração**. Saúde e Sociedade, v. 19, n. 2, p. 9-20. 2010.

GIANOTTI, P. S. P; PELLEGRINO, H. P; WADA, E. Globalização e serviços médicos: impulsionando o turismo de saúde. **Turydes**. v. 2, n. 4, 2009. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/turydes/04/ggw.htm>. Acesso em: 15 fev. 2021.

GIL, M. A. A. **Vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis no contexto universitário**. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/22030/1/MariaAngelicaAiresGil\\_DISSE RT.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/22030/1/MariaAngelicaAiresGil_DISSE RT.pdf). Acesso em: 15 fev. 2020.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **A cada dia, há 1 milhão de novos casos de infecções sexualmente transmissíveis curáveis**. 2018. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5958:a-cada-dia-ha-1-milhao-de-novos-casos-de-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-curaveis&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5958:a-cada-dia-ha-1-milhao-de-novos-casos-de-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-curaveis&Itemid=812). Acesso em: 01 fev. 2021.

PAIVA, V. *et al.* **Uso de preservativos:** Pesquisa Nacional MS/IBOPE, Brasil 2003. Brasília, DF: Ministério da Saúde/ Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Disponível em: [http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wpcontent/uploads/2010/04/artigo\\_preservativo.pdf](http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wpcontent/uploads/2010/04/artigo_preservativo.pdf). Acesso em: 05 mar. 2021.

REBELLO, L. E. F. de S.; GOMES, R. Qual é a sua Atitude? Narrativas de homens jovens universitários sobre os cuidados preventivos com a AIDS. **Saúde Soc. São Paulo**, v. 21, n. 4, p. 916-927, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n4/v21n4a11.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

SANTOS, M. L. M. *et al.* Sexualidade na Adolescência. **Psikhê**, v. 6, n. 2, p. 30-37, 2001.

VIEIRA, C. A Sexualidade ao longo da vida. p. 183-206. *In:* Silva, L. (Ed.). **Promoção da Saúde**. Lisboa: Universidade Aberta. 2002.

VILLELA, W.; ARILHA, M. Sexualidade, Gênero e Direitos Sexuais e Reprodutivos. *In:* BERQUÓ, E. (Org.). **Sexo & Vida:** panorama da saúde reprodutiva no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 95-145.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA INVESTIGAÇÃO SOBRE O TEMA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

*Este questionário é um instrumento para a coleta de dados do trabalho de pesquisa intitulado “CONHECIMENTOS DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DO CAMPO SOBRE AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS”. O objetivo dessa pesquisa é investigar o conhecimento dos alunos do Ensino Médio da Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, Massapê do Piauí, a respeito das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Neste sentido, contamos com a sua colaboração participando da execução desta pesquisa, respondendo a este questionário de forma sucinta e responsável. Desde já, agradecemos a sua participação.*

### QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS

#### I. INFORMAÇÕES PESSOAIS

**1. Idade:** \_\_\_\_\_ **2. Sexo:** ( ) Feminino ( ) Masculino **3. Série:** ( ) 1º ano ( ) 2º ano ( ) 3º ano

*As perguntas que seguem são bastante íntimas. Saiba que sua identidade não será revelada e que nenhum questionário será analisado individualmente, mas sempre em conjunto, garantindo a confidencialidade. Fique à vontade em não respondê-las mas suas respostas contribuirão muito com a pesquisa.*

**4. Você já teve relações sexuais?** ( ) Sim ( ) Não ( ) Não quero responder

**5. Se respondeu SIM na pergunta anterior,**

**5.1. Você costuma usar preservativos durante as relações sexuais?** ( ) Sempre ( ) Muitas vezes ( ) Às vezes ( ) Raramente ( ) Nunca

**5.2. Você MULHER, já:**

**5.2.1. foi a um/a ginecologista?** ( ) Sim ( ) Não

**5.2.2. já realizou o exame Papanicolau, aquele em que o/a médico/a ou a enfermeira coletam material para o exame preventivo de câncer?** ( ) Sim ( ) Não ( ) Desconheço esse exame

**5.2.3. teve, alguma vez na vida, algum dos seguintes problemas?**

**Corrimento** ( ) Sim ( ) Não

**Feridas na vulva ou vagina** ( ) Sim ( ) Não

**Pequenas bolhas na vulva ou vagina** ( ) Sim ( ) Não

**Verrugas (berrugas) na vulva ou vagina** ( ) Sim ( ) Não

**5.2.4. Se teve algum desses problemas, você fez algum tipo de tratamento?** ( ) Sim ( ) Não

**5.3. Você HOMEM já teve, alguma vez na vida, algum dos seguintes problemas?**

**Corrimento no canal da urina** ( ) Sim ( ) Não

**Feridas no pênis** ( ) Sim ( ) Não

**Pequenas bolhas no pênis** ( ) Sim ( ) Não

**Verrugas (berrugas) no pênis** ( ) Sim ( ) Não

**5.3.1. Se teve algum desses problemas, você fez algum tipo de tratamento?** ( ) Sim ( ) Não

#### II. CONHECIMENTO SOBRE O TEMA

**1. Que tipos de infecções sexualmente transmissíveis você conhece ou já ouviu falar?**

( ) Cancro mole ( ) Condiloma acuminado (HPV) ( ) Doença inflamatória pélvica (DIP) ( ) Donovanose, ( ) Gonorreia ( ) Clamídia ( ) Linfogranuloma venéreo (LGV) ( ) Sífilis ( ) AIDS ( ) Hepatite ( ) Nenhuma destas

**2. Qual ou quais das doenças descritas abaixo uma pessoa pode ser infectada ao ser picado por um inseto, como por exemplo, um mosquito ou pernilongo?** ( ) Aids ( ) Sífilis ( ) Hepatite ( ) Dengue ( ) Malária

( ) Gonorreia ( ) Nenhuma destas

**3. Qual ou quais das doenças descritas abaixo uma pessoa pode ser infectada ao usar banheiros públicos?**

( )Aids ( )Sífilis ( )Hepatite ( )Dengue ( )Malária ( )Gonorreia ( )Nenhuma destas

**4. Qual ou quais das doenças descritas abaixo uma pessoa pode ser infectada ao não usar preservativos em relações sexuais?** ( )Aids ( )Sífilis ( )Hepatite ( )Dengue ( )Malária ( )Gonorreia ( )Nenhuma destas

**5. E para qual ou quais das doenças descritas abaixo existe cura?** ( )Aids ( )Sífilis ( )Hepatite

( )Dengue ( )Malária ( )Gonorreia ( )Nenhuma destas

**6. O risco de transmissão das ISTs pode ser reduzido se uma pessoa tiver relações sexuais somente com pessoas desconhecidas, pessoas conhecidas não oferecem riscos.** ( )Concordo ( )Discordo ( )Não sei

**7. Uma pessoa com aparência saudável pode estar infectada por alguma IST.** ( )Concordo ( )Discordo

( )Não sei

**8. Abraçar ou apertar a mão de alguém que tem ISTs ou sentar no mesmo local que ela esteve sentada é uma forma de contrair a infecção.** ( )Concordo ( )Discordo ( )Não sei

**9. Usar preservativo é a melhor maneira de evitar que o vírus da aids seja transmitido.** ( )Concordo

( )Discordo ( )Não sei

**10. Uma pessoa pode ser infectada com o vírus da aids compartilhando talheres, copos ou refeições.**

( )Concordo ( )Discordo ( )Não sei

**11. Uma mulher grávida que esteja com alguma IST e não recebe um tratamento específico durante a gravidez e no momento do parto transmite a doença para o bebê.** ( )Concordo ( )Discordo ( )Não sei

**12. Quais medidas você considera importante para se prevenir das ISTs?** ( ) Ter relações sexuais sempre com o(a) mesmo(a) parceiro(a) ( ) Usar contraceptivo oral ( ) Não ter relações sexuais ( ) Tomar banho após relação sexual ( ) Uso de preservativo

**13. Leia a pergunta abaixo e assinale a resposta que considera CORRETA:**

**“Mesmo se o parceiro não estiver infectado pelo vírus HIV, corro algum risco de contrair alguma doença se não usar preservativo durante um ato sexual?”**

( )Sim. É possível. Pode também contrair outras doenças sexualmente transmissíveis, as chamadas ISTs como sífilis, gonorreia, HPV entre outras.

( )Não. Somente o vírus do HIV é transmitido através de relações sexuais desprotegidas.

( )Não se o parceiro estiver em dia com as vacinas.

### III. PAPEL DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

**1. Nos últimos 12 meses, você recebeu ou pegou camisinha de graça no serviço de saúde?** ( )Sim ( )Não

**2. Nos últimos 12 meses, você recebeu ou pegou camisinha de graça na escola?** ( )Sim ( )Não

**3. Na escola costumam abordar questões relacionadas às ISTs?** ( )Sempre ( )Muitas vezes ( )Às vezes

( )Raramente ( )Nunca

**4. A abordagem das ISTs é feita durante qual momento na escola?** ( )Nas aulas de Biologia ( )Em eventos voltados para a saúde ( )Palestras com profissionais da saúde ( )Eventos com profissionais externos à escola

**5. A quem você recorre para buscar informações sobre as ISTs?** ( )Professor/a ( )Profissional da saúde ( )Amigos

( )Pais ( )Parentes próximos ( )Internet ( )Outros: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

**Título do estudo:** Conhecimentos dos alunos de uma escola do campo sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis

**Pesquisadoras responsáveis:** Graduanda Joseline Josefa da Silva e Profa. Dra. Tamaris Gimenez Pinheiro

**Instituição/Curso:** UFPI /Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Ciências da Natureza

**Telefone para contato:** (89) 99460-3590

**Local da coleta de dados:** Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, município de Massapê do Piauí.

Prezado (a) Senhor (a):

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. As pesquisadoras deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar. Você tem direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

**Objetivo do estudo:** Investigar o conhecimento dos alunos do Ensino Médio da Unidade Escolar Rafael Manoel da Costa, Massapê do Piauí, a respeito das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), a fim de subsidiar discussões sobre o papel da escola na educação em saúde.

**Procedimentos:** As informações para esta pesquisa serão obtidas por meio de questionário, a ser aplicado para alunos do Ensino Médio.

**Benefícios:** Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

**Riscos:** A participação na pesquisa não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

**Sigilo:** Os resultados obtidos no estudo serão utilizados para fins científicos (divulgação em revistas e em eventos científicos) e os pesquisadores se comprometem em manter o sigilo e identidade anônima. Você não terá nenhum custo com a pesquisa, e caso aja por qualquer motivo, asseguramos que você será devidamente ressarcido. Não haverá nenhum tipo de pagamento por sua participação, ela é voluntária. No entanto, há garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Massapê do Piauí, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2019.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora Responsável





**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
(X) Monografia  
( ) Artigo

Eu, JOSELINE JOSEFA DA SILVA, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação CONHECIMENTOS DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DO CAMPO SOBRE AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 05 de maio de 2021.

*Joseline Josefa da Silva*  
Joseline Josefa da Silva  
Discente

*Tamaris Gimenez Pinheiro*  
Tamaris Gimenez Pinheiro  
Orientadora